

## O DESEJO COMO MODO DE SER: CORTES ONTOLÓGICOS NA TEORIA PSICANALÍTICA

Ruben Artur Lemke\* 

Luis Izcovich\*\* 

Marcio Luis Costa\*\*\* 

Tiago Ravanello\*\*\*\* 

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir a dimensão ontológica do desejo na psicanálise. Para isso, realizamos um cotejamento entre *Ser e tempo* de Heidegger e o seminário *O Desejo e sua interpretação* de Lacan, em que localizamos marcadores textuais que permitiram a realização de cortes ontológicos na teoria psicanalítica. A partir da análise dos cortes,

---

\* Doutor em Psicologia pelo Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Residência em Saúde Mental Coletiva pela Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul. Graduação em Psicologia pela Universidade Luterana do Brasil. Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano - EPFCL – Brasil. Membro do Fórum do Campo Lacaniano de Mato Grosso do Sul. E-mail: lemke.ruben@gmail.com

\*\* Psicanalista, Psiquiatra de formação e doutor em Psicanálise pela Universidade de Paris VIII, onde lecionou. Psicanalista em Paris, Analista de Escola (AME) e Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL-France). Atualmente ensina no Collège de Clinique Psychanalytique de Paris. E-mail: alizco@wanadoo.fr

\*\*\* Mestrado e Doutorado em Filosofia pela Universidad Nacional Autónoma de Mexico, UNAM, México. Graduação em Filosofia na UCDB. Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia da UCDB. E-mail: marcius1962@gmail.com

\*\*\*\* Diretor do Corpo Freudiano – Núcleo Campo Grande. Pós-doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP), mestre e doutor em teoria psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) tendo parte de seu doutorado sido realizada na Université de Paris-X (Nanterre) e psicólogo pela Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente é Professor Associado da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e do Programa de Pós-graduação em Educação, mestrado e doutorado (UFMS). E-mail: tiagoravanello@yahoo.com.br

propomos a teoria do desejo como uma delimitação sobre o modo de ser do ser falante, que funciona como uma ontologia mínima e proporciona referências fundamentais para a condução de uma clínica que se inscreve em um estatuto ético.

Palavras-chave: Psicanálise e filosofia, Desejo, Ontologia

## **DESIRE AS A WAY OF BEING: ONTOLOGICAL CUTS IN PSYCHOANALYTIC THEORY**

### **ABSTRACT**

*This paper aims to discuss the ontological dimension of desire in psychoanalysis. For that, we made a comparison between Heidegger's Being and Time and Lacan's seminar Desire and its Interpretation, where we find textual markers that allowed the ontological cuts in psychoanalytic theory to be conducted. From the analysis of the cuts, we propose the theory of desire as a delimitation on the speaker's way of being, which works as a minimal ontology and provides fundamental references for the conduct of a clinic that is inscribed in an ethical statute.*

*Keywords: Psychoanalysis and philosophy, Desir, Ontology*

## **EL DESEO COMO MODO DE SER: CORTES ONTOLÓGICOS EN LA TEORÍA PSICOANALÍTICA**

### **RESUMEN**

*Este artículo tiene como objetivo discutir la dimensión ontológica del deseo en el psicoanálisis. Para eso, hicimos una comparación entre Ser y tiempo de Heidegger y el seminario El Deseo y su interpretación de Lacan, donde localizamos marcadores textuales que permitieron hacer cortes ontológicos en la teoría psicoanalítica. A partir del análisis de los cortes, proponemos la teoría del deseo como una delimitación del modo de ser del ser hablante, que funciona como una ontología mínima y proporciona referencias fundamentales para la dirección de una clínica inscrita en un estatuto ético.*

*Palabras clave: Psicoanálisis y filosofía, Deseo, Ontología.*

## **LE DÉSIR COMME FAÇON D'ÊTRE: COUPES ONTOLOGIQUES DANS LA THÉORIE PSYCHANALYTIQUE**

### **RÉSUMÉ**

*Cet article vise à discuter de la dimension ontologique du désir dans la psychanalyse. Pour cela, nous réalisons un rapprochement entre «Être et le*

*temps» de Heidegger et le séminaire «Le Désir et son interprétation» de Lacan, où nous avons localisé les marqueurs textuels qui ont permis la réalisation de coupes ontologiques dans la théorie psychanalytique. A partir de l'analyse des coupures, nous proposons la théorie du désir comme une délimitation sur le mode d'être de l'être parlant, qui fonctionne comme une ontologie minimale et fournit des références fondamentales pour la direction d'une clinique qui s'inscrit dans un statut éthique.*

*Mots-clés: Psychanalyse et philosophie, Désir, Ontologie*

A psicanálise propõe o desejo como uma instância definidora da existência humana. O desejo, de acordo com Freud (1900-1901/1996, p. 639), é a marca teórica que indica o “*nosso* inconsciente”, isto é, o inconsciente da psicanálise, o das “forças incontroladas e indestrutíveis do espírito humano” que são reveladas pelo desejo no sonho. Lacan (1958-1959/2016) lembra que foram justamente as coordenadas conceituais estabelecidas por Freud na *Interpretação dos sonhos* acerca do desejo que permitiram à psicanálise abordar cientificamente os fenômenos menores da vida e terapêuticamente os sintomas, inibições e angústia. Em seu retorno à Freud, Lacan construiu uma teoria própria do desejo, em um patamar para além do *wunsch* freudiano, ou da *Begierde* hegeliana (Assoun, 2009). A marca epistemológica deste retorno é a leitura do desejo pela chave do significante, tal como contida na seguinte proposição: “[...] a situação do desejo está profundamente marcada, amarrada, presa a certa função da linguagem, a uma certa relação do sujeito com o significante” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 14). Para definir essa relação do sujeito com o significante, Lacan extrapola o campo do estruturalismo e utiliza o vocabulário do ser. A utilização de tal vocabulário indica que a teoria do desejo requer ser analisada em sua dimensão ontológica.

Logo no início do seminário *O Desejo e sua interpretação*, Lacan (1958-1959/2016) marca o tom ontológico em que irá construir sua teoria do desejo, aderindo a posição de Spinoza (1677/2007, p. 233) quando este autor afirma que “[...] o desejo é a própria natureza ou essência de cada um [...]”. Em Spinoza, o desejo é definido como o esforço de perseverar no ser e os afetos de alegria e tristeza são resultados da proximidade ou extravio do desejo. Por isso, Lacan qualifica

Espinosa como precursor do caminho que Freud construiu, de um modo específico de relação do homem consigo mesmo.

O presente artigo tem por objetivo discutir alguns recortes do seminário *O Desejo e sua interpretação* que possuem marcadores textuais que indicam a presença de temas ontológica na teoria do desejo. A partir da discussão destes cortes, proporemos o desejo como a delimitação de um modo de ser. Esses cortes serão discutidos em seu avizinhamento com os temas da analítica existenciária. Esse avizinhamento se dá através de um problema ontológico fundamental que perpassa as duas obras, que é o da relação entre ser e linguagem. Em torno deste problema, tomamos quatro linhas de entrada da analítica existenciária na teoria psicanalítica propostas por Lemke, Dunker, Costa e Ravanello (2022): a diferença ontológica, a concepção de verdade como desvelamento, a valorização ontológica da linguagem e uma concepção não cronológica do tempo. Em apoio a esta estratégia, Balmès (2012) afirma que o seminário *O Desejo e sua interpretação* tem sua estrutura ordenada por coordenadas heideggerianas.

Para situar o leitor no problema em que se inscreve esse estudo, ao propor o desejo como modo de ser, entendemos que a teoria do desejo fornece coordenadas que constituem uma ontologia mínima, necessária à direção de um tratamento. A psicanálise, mesmo possuindo um estatuto ético, não opera a partir de uma pura abertura à alteridade<sup>1</sup>, pois todo analista se orienta por um conjunto de coordenadas conceituais e isso pressupõe uma ontologia<sup>2</sup>. A ideia de uma ontologia mínima é uma contraposição ao pensar o ser na chave da substância ou de qualquer ideia de totalidade, com o intuito de assumir a psicanálise como a ciência dos fenômenos menores da vida anímica, que Lacan (1960/1998b, p. 816) designa como adventos de “ser de não-ente”. Esta ontologia possui a característica de ser frágil<sup>3</sup>, pois lida com fenômenos que se abordam pela estrutura temporal de insistência e descontinuidade<sup>4</sup>; de ser modal, no sentido de um discurso que trata dos *modos de ser*<sup>5</sup>; e de se ancorar na finitude (Stein, 1976). Isto significa abandonar a busca por um fundamento absoluto e partir da situação em sua precária contingência. Esta ontologia mínima funcionaria como aquilo que Lacan (2010/1960-61, 2016/1958-59) denomina “coordenadas do desejo”, que podem definir, em termos de latitude e longitude, o lugar que o analista deve ocupar em sua função na transferência.

## DESEJO COMO SUPORTE DA EXISTÊNCIA

No seminário *As Formações do inconsciente*, Lacan (1957-1958/1999, pp. 350, 351) coloca o desejo em posição de excentricidade em relação à satisfação e afirma que “Em última instância, aquilo com que o desejo confina, não mais em suas formas desenvolvidas, mascaradas, porém em sua forma pura e simples, *é a dor de existir*”. No seminário *O Desejo e sua interpretação* há uma mudança de patamar e o desejo aparece como o suporte existencial que protege o sujeito desta dor. A dor de existir é situada quando o desejo não está mais presente e já se esgotaram todos os caminhos de suas possibilidades. O desejo é descrito aqui por Lacan (1958-1959/2016) como um anteparo a este ponto de crueza absoluta, uma espécie de puro funcionamento dos órgãos ao qual o homem fica entregue quando abandona qualquer resquício do suporte do desejo. Assim, argumenta o autor, em seu comentário ao famoso sonho interpretado por Freud, em que um filho após a morte do pai, sonha que o pai estava morto e não sabia. Na leitura de Lacan, o desejo aparece neste sonho como um fluxo significante que engata a existência no movimento de um devir. Movimento que o pai, depois dos longos tormentos da doença, teria abandonado – tendo o filho como testemunha – o último bastião do desejo, que é desejo de viver, ponto agonizante em que desemboca uma existência que, pelo esgotamento de todas as vias, extinguiu seu desejo. Na existência humana, o sujeito é determinado por um fluxo que o transcende e o determina. Conjugado à dor de existir ou suporte que engata a existência em um movimento que defende o sujeito deste dor, o desejo estrutura o modo do existir humano.

## DESEJO COMO RESULTADO ONTOLÓGICO DA SUBVERSÃO PELA LINGUAGEM

A teoria do desejo se situa no quadro de uma dependência fundamental à linguagem como consequência da “[...] captura do homem no constituinte da cadeia significante” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 19). Esta subversão do mundo humano efetuada pelo significante, tem como consequência a existência humana se organizar no entorno de uma falta fundamental. Essa

falta estrutural é uma espécie de abertura, uma posição ontológica que impulsiona o movimento metonímico da relação do homem com o mundo.

Pelo fato de o homem ser falante, suas satisfações necessariamente passam pela estruturação da fala na demanda. A necessidade humana como tal, no seu sentido biológico, está irremediavelmente perdida pois é atravessada e subvertida pela linguagem. As necessidades são veiculadas pela demanda porque o homem nasce dependente de um cuidador que é um ser de linguagem. A “necessidade” é transformada em demanda dirigida ao Outro e atravessa os desfiladeiros do significante. Nessa travessia, o desejo é aquilo que não pode ser capturado, o resultado de uma espécie de operação de subtração. Lacan (1958/1959-2016, p. 158) conceitua o desejo deste modo: “o desejo é esse ‘x’ do sujeito capturado na rede significante, nas malhas do significante, submetido à filtragem, à peneira do significante”. O desejo é o resultado ontológico da virulência do *logos* sobre o homem, pelo efeito alienante de sua implicação na linguagem:

[...] esse x, que se chama o que o sujeito quer, refere-se ao sujeito na medida em que ele se constitui declarando-se estar, e estando, *em certa relação com o ser*. Entre a linguagem pura e simplesmente inquisitiva da demanda e aquela em que o sujeito responde à pergunta sobre o que quer e se constitui em relação ao que é há um intervalo. É nesse intervalo que se produz o que se denomina desejo. (Lacan, 1958-1959/2016, p. 191 [Grifo nosso]).

Esta operação de subtração não cria um simples passivo excluído. Se a subtração efetuada pela captura significativa forma uma ordem negativa é de uma natureza análoga ao negativo da física, como aquilo que produz movimento pela diferença de potencial. Esta falta introduzida pela operação significativa, é a causa no homem de sua condição de sujeito desejante. É uma hiância que tem força de propulsão, como os dutos por onde passa a água de uma usina hidroelétrica, ou como no exemplo dos interstícios das palhetas do moinho no poema de Lao-Tsé (séc. VI ac./2004, p. 47) que permitem a passagem do vento colocando a moenda em movimento. Esta hiância é a margem cavada pela demanda ao atravessar a necessidade. Se fossemos usar uma imagem da literatura, o desejo seria a terceira margem do rio (Rosa, 2017), sendo a primeira a necessidade; e a segunda, a demanda.

Essa dependência fundamental do significante pode ser entendida no âmbito da afirmação de Heidegger (1946/1991), de que a linguagem é a casa do ser. No entanto, a psicanálise demonstra que existe uma crise habitacional nesta morada. Como afirma Žižek (2009), a psicanálise mostra a dimensão dilacerante desta morada, na análise das ideias do sujeito obsessivo ou das vozes que retornam ao sujeito psicótico. Estes fenômenos atestam o pertencimento do homem a uma ordem simbólica que é fonte para o sujeito de um dilaceramento originário. A partir deste dilaceramento, Lacan (1958-1959/2016, p. 239,) afirma “[...] o ser humano não tem nenhuma possibilidade de ter acesso a uma experiência da totalidade” e que “[...] o ser humano só pode ser considerado, em última instância, como não sendo nada mais do que um ser em quem falta algo (p. 240)”.

## **O DESEJO COMO METONÍMIA DA FALTA-A-SER (*MANQUE À ÊTRE*)**

A falta é efeito da subversão do sujeito pela linguagem e imanente à estrutura do desejo. Pela falta, Lacan realiza uma leitura ontológica castração freudiana. A incidência da falta sobre o ser do sujeito se dá na teoria do desejo em diversos níveis<sup>6</sup>. Primeiro, o sujeito não é localizável na cadeia significante. Ele está no intervalo entre dois significantes e não possui consistência substancial. Não existe um significante que represente o sujeito na cadeia, assim como não existe um significante que represente o ser do sujeito. Lacan (1958-1959/2016, p. 317) afirma que o sujeito, tal como Freud o propõe, é um sujeito que não pode ser pensado como o suporte universal dos objetos da filosofia, mas, “[...] de certo modo, o negativo deste e de seu onipresente suporte – um sujeito enquanto falante e enquanto estruturado em uma relação complexa com o significante”. Em relação ao significante, o sujeito está em posição de eclipse.

Esta imagem do eclipse, nos dá uma noção aproximada do conceito de sujeito em relação ao significante em Lacan: um sujeito é o que um significante representa para outro significante. O sujeito é um efeito da relação de um significante a outro. Tal como o jogo de luz criado pelo movimento de dois astros, o sujeito é um efeito de juguete dos significantes. Tem-se notícias do sujeito de modo intermitente, por seus efeitos de irrupção. Esta é uma teorização que desconstrói a substância do

sujeito, pois não é pensado como o suporte das modificações acidentais do significante. Esta concepção se coaduna com o modo temporal das manifestações do inconsciente, tal como Lacan (1964/2008b) propõe no seminário *Os Quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Se esvaziamos o sujeito de sua substância, sua existência só pode ser pensada no âmbito da temporalidade, de modo similar ao que Heidegger (2012) propõe em *Ser e tempo*, quando formula a pergunta pelo ser no horizonte do tempo.

Lacan (1958-1959/2016, p. 159), afirma que “É fundamentalmente a linguagem que introduz a dimensão do ser para o sujeito e, ao mesmo tempo, a tira dele”, de modo semelhante à Heidegger (1946/1991), que considerava a linguagem como o que essencialmente produz abertura ao ser. No seminário *A ética da psicanálise*, Lacan (1959-1960/2008a, p. 376) conceitua o desejo como algo no plano do litoral entre o ser e o não-ser, e que flui em relação com a cadeia significante: “O arroio onde se situa o desejo não é apenas a modulação da cadeia significante, mas o que corre por baixo, que é, propriamente falando, o que somos, e também o que não somos, nosso ser e nosso não-ser”. Este litoral é designado na teoria lacaniana com a expressão “falta-a-ser”. O desejo aparece aqui como metonímia em uma relação e equivocidade entre ser e não-ser, que torna impossível pensar ser e falta como um par metafísico de oposição, como o ente e o nada. Sugerimos pensar a falta-a-ser nos moldes de uma tensão correlacional, em que em um diagrama de dispersão, no âmbito da correlação instaurada entre a falta e o ser, surgiria o desejo como um terceiro.

Em *A Direção do tratamento e os princípios de seu poder*<sup>7</sup>, a falta-a-ser é indicada por Lacan (1958/1998a) como o nível em que o analista deve se situar em sua política, de modo a se orientar em sua estratégia (manejo da transferência) e nos passos de sua tática (uso da interpretação). A seguir, a falta-a-ser é apresentada como o cerne da experiência analítica, o campo em que se mostra a paixão do neurótico e o conceito é integrado à definição do desejo: “[...] o desejo é a metonímia da falta-a-ser” (p. 629). O autor define a metonímia como o fato de que não pode haver significação que não remeta a outra significação e que é o denominador comum entre estas significações que pode produzir o “pouco de sentido”. Esta noção, correlata à ontologia da falta-a-ser e da fragilidade ôntica do inconsciente (Lacan, 1964/2008) é um marcador textual da presença

de uma concepção heideggeriana da verdade como desocultamento. Em psicanálise não se trata de sentido absoluto, como não se trata do seu corolário oposto, que seria a ausência de sentido.

Na analítica existencial de Heidegger (1927/2012) falta e ser possuem uma certa coparticipação em sua diferença com o ente, como modos de negação da subsistência. Na ausência da substância, o ser coabita com a falta, pois sem o anteparo deste princípio radical de individuação e estabilização, o ser é confrontado com sua finitude e só pode ser abordado no horizonte da temporalidade. Mas justamente o horizonte do tempo coloca a falta no coração do ser.

E, aqui, entramos na dimensão temporal da falta-a-ser. Essa expressão carrega uma ideia de futuro, de algo que é convocado a se projetar para a realização ao mesmo tempo em que mantém um tensionamento com o caráter irremediavelmente estático de uma falta originária. Podemos entender uma das faces da falta-a-ser usando o paradoxo do tempo do *Dasein*<sup>8</sup>. Se formos pensar a totalidade do *Dasein* a partir do tempo, observamos que o *Dasein* está sempre em direção as suas possibilidades. Enquanto, não chegou ao fim, ele nunca é tudo aquilo que pode ser no sentido de uma totalidade, sempre resta um ainda-não, um puro poder ser que ainda não se realizou. Mas quando chegar ao fim, já deixará de ser, ao se dissolver no nada. Atingir a totalidade significa a perda do ser. Assim o *Dasein* nunca estará em posse de sua plenitude e sempre será marcado pelo defeito da falta (Heidegger, 1927/2012).

A própria morte só existe como possibilidade para o *Dasein* e não é uma experiência que este irá atravessar. Ela consiste no salto de uma incompletude temporal para o cessar das possibilidades e produz um modo finito de temporalidade determinando o fato de que cada *Dasein* carrega consigo mais falta-a-ser do que ser, pois cada possibilidade realizada comporta um campo de possibilidades não-realizadas. Por não estar nunca em posse de sua plenitude, o ser, não passa de um projeto, sempre inacabado, motivo pelo qual o fenômeno fundamental do tempo é o futuro e o *Dasein* se mantém em cada momento em antecipação (Heidegger, 1924/2003, p. 55). O futuro é o que permite existir como “poder ser”, já que antecipar para o *Dasein* é fundamentalmente se arremessar nas possibilidades abertas.

Em *Ser e tempo*, a estrutura da existência humana - o “ser-no-mundo” - não está dada a priori. Só é possível realizar algo e essa realização é sempre uma realização falha. Do mesmo modo, Juranville (1987) afirma que a falta na psicanálise não é absoluta pois pelo significante o desejo atinge uma verdade parcial. Por isto na ontologia da teoria do desejo não se trata nem do nada absoluto, nem do ser em sua plenitude, mas da falta-a-ser. A realização do ser do sujeito como desejante é sempre uma realização parcial.

## DESEJO COMO HORIZONTE POSSÍVEL DE REALIZAÇÃO DO SER

No seminário *O Desejo e sua interpretação*, Lacan (1958-1959/2016) formaliza a falta em termos de incidência de perda de ser do sujeito e subordina o sentido de uma interpretação e os fins de uma análise à seguinte ideia: “Devemos reconquistar o terreno perdido do ser do sujeito” (p. 405). Este é o modo como o autor desenvolve neste momento o “*Wo Es war, soll Ich werden*” freudiano. É na linguagem que algo do ser do sujeito pode advir. Esta ideia está presente na seguinte citação:

[...] na sua origem, o desejo, *d*, se manifesta no intervalo, na hiância que separa a pura e simples articulação linguageira da fala daquilo que marca que o sujeito aí realiza algo dele mesmo, algo que não tem alcance, que só tem sentido em relação a essa emissão da fala, algo que é seu *ser* (Lacan, 1958-1959/2016, p. 26).

Um terceiro plano referente à perda de ser pelo sujeito, outra face da operação ontológica de subtração efetuada pela captura do mundo humano pelo *logos*, é o da relação do sujeito com o Outro, este lugar terceiro que é instaurado pela fala. O Outro é uma figura fundamental no edifício teórico de Lacan, que tem sua inspiração na função do gênio enganador de Descartes (Bass & Zolozszyc, 1996) e trata em última instância do fato de que o sujeito humano se constitui sempre em relação a uma alteridade, ao Outro da linguagem. Este modo de relação fundamental da fala é atualizado cada vez que alguém faz uso da palavra. López (2011) afirma que uma dívida importante de Lacan com Heidegger é a concepção da abertura do ser na linguagem que permite a Lacan conceber a ideia da abertura do sujeito ao campo do Outro.

Como afirma Lacan (1958-1959/2016, p. 21): “A criança se dirige a um sujeito que ela sabe ser falante, que ela viu falando, que a penetrou com relatos desde o começo de seu despertar para a luz do dia”. Mas este Outro para o qual a criança dirige o seu apelo, é um Outro portador de desejo. Nesta relação o sujeito interpela o Outro com uma exigência de reconhecimento, que a experiência psicanalítica descreve como uma exigência de amor. Neste apelo, se abre para “[...] o sujeito um horizonte de ser”, algo que o sujeito visa alcançar. Mas aqui, o sujeito está na completa dependência do desejo do Outro, diante do qual o sujeito se coloca no “temível ponto de interrogação (p. 43)”, a injunção “o que quer você (p. 43)” que todo ato de fala articula. Trata-se, neste terreno, de que o cuidador primordial está alçado ao poder de responder com este ou aquele significante aos apelos do bebê, pois é inerente à condição humana o fato de que para que um bebê possa sobreviver, faz-se necessário que se ative em alguém o desejo de cuidar. Algo que se torna evidente justamente quando este desejo falha, como nos casos de privação. Diante do desejo do Outro o sujeito está em completo desamparo. Neste terreno de dependência total ao desejo do Outro que o sujeito precisa construir precariamente algo que seja o seu desejo.

Na articulação significativa da relação do sujeito com o Outro, sempre há um significante que falta, que é o significante que representa a relação do sujeito com todo o aparato significativo que é o falo ( $\phi$ ) como significante da falta e, portanto, também como o significante do desejo. O falo é um elemento subtraído da cadeia da fala, na medida em que no apelo a uma resposta absoluta por parte do Outro sempre falta alguma coisa, sempre fica algo a desejar. Nas palavras de Miller (2014, p. 15), neste ponto “[...] o sujeito encontra no Outro um vazio articulado”. Lacan (1958-1959, p. 322) afirma que não há “[...] Outro do Outro. Não há no Outro nenhum significante que possa, conforme o caso, responder pelo que sou”.

Segundo Lacan (1958-1959/2016, p. 32): “há, com efeito, nesse Outro um algo que sempre põe o sujeito a certa distância do seu ser e que faz com que ele nunca se reúna com este ser, com que só possa alcançá-lo nessa metonímia do ser no sujeito que é o desejo”. O desejo é o modo de recuperar o terreno perdido de ser pelo sujeito. É neste

campo da articulação da fala em relação ao desejo do Outro que existe um horizonte de ser para o sujeito, no qual se projetar, um campo de possibilidade que na teoria psicanalítica só pode se realizar como uma experiência de linguagem. Neste âmbito que podemos compreender o conceito freudiano de sublimação, quando um sujeito se lança sobre um artefato cultural e inscrito em uma tradição, acaba subvertendo-a, pela transposição dos limites. Neste âmbito também que se inscreve a diferenciação efetuada por Lacan entre fala plena e fala vazia. A fala plena é aquela que realiza de algum modo a experiência de ser do desejo.

## **O FALO COMO METONÍMIA DO SUJEITO NO SER**

O modo lacaniano de formalizar o complexo de castração freudiano é estabelecer o falo como uma função significante. A função do falo na economia subjetiva, afirma Lacan (1958-1959/2016, p. 232) é dada pelo seu “caráter de significante”: um significante destacado, como um efeito de subtração do conjunto significante, que tem a função de representar tudo o que foi sacrificado de vida, de impulso vital, no momento ontológico da subversão do humano pela linguagem. O falo na teoria lacaniana é um símbolo da vida que o sujeito toma em uma função significante. Em relação ao falo, Lacan afirma, que “[...] é sob esse significante, aqui totalmente desvendado em sua natureza de significante, que o sujeito termina se abolindo quando se apreende em seu ser essencial, se nos é lícito afirmar com Espinosa que tal essencial é seu desejo” (1958-1959/2016, p. 143).

Na teoria do desejo, o falo aponta para uma região do ser que é uma espécie de umbigo do sujeito, uma marca, uma cicatriz que faz lembrar que o sujeito nada seria, senão por intermédio do Outro. O falo é um elemento da relação estrutural do sujeito com o desejo e esta cicatriz umbilical é uma das dimensões da falta-a-ser do sujeito. Pois uma das funções do falo na teoria psicanalítica é a função de formalizar a relação do sujeito com o ser, na medida em que o falo significa por um lado, a perda de ser pelo sujeito, por outro seu drama acerca de sua posição diante do Outro, que comporta uma pergunta sobre a existência do sujeito: “se o falo tem relação com algo, é muito mais com o ser do sujeito” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 234).

Esse significante organiza a relação do sujeito em uma “[...] distinção fundamental, aquela entre ser o falo e ter o falo” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 234). Esta distinção produz uma linha de demarcação bem clara, pois não se pode ter o falo sem o movimento existencial de renúncia a ser o falo. É neste sentido que Lacan formaliza a realidade da castração. Segundo Lacan o que emerge na segunda parte da fórmula de Hamlet, o “*not to be*”, é o “não ser da estrutura primordial do desejo” (1958-1959/2016, p. 461). Na primeira parte da fórmula (*To be*) trata-se de “ser o que ele pode ser como sujeito, ou seja, *ser o falo*. Mas ser o falo marcado para o Outro o expõe à ameaça do *não tê-lo*” (p. 461). O autor afirma que se impõe uma escolha na forma da disjunção, ou não ser o falo e desaparecer no sentido de “faltar-a-ser” (p. 461), ou, ao ser o falo para o Outro, não o ter. Por isso, para Lacan, a saída do sujeito é assumir sua falta-a-ser, o “não ser da estrutura primordial do desejo” (1958-1959/2016, p. 461), para se lançar ao mundo como sujeito desejante. Aqui entendemos haver uma analogia entre o assumir o desejo com o assumir o ser-para-a-morte heideggeriano.

Lacan (1958-1959/2016) diz textualmente que introduziu a função do falo como significante do desejo no interior de referências ontológicas. O autor afirma, de modo nada evidente: “O desejo é a metonímia do ser no sujeito, o falo é a metonímia do sujeito no ser” (p. 32). Para entender esta afirmação precisamos retomar a topologia do ser em camadas superpostas indicada no seminário *O Desejo e sua interpretação*, em que o autor propõe que o sujeito só se sustenta na cadeia articulada de um discurso e o discurso, por sua vez, só se sustenta no suporte do ser. O falo é um significante, o significante da falta e o desejo é aquilo que escapa da estrutura significante. Entendemos que Lacan aqui descreve o deslizamento concomitante de duas superfícies, uma sobre a outra, tendo como motor do movimento metonímico a falta-a-ser, que mantém seu campo constitutivo de tensão nos dois registros. No primeiro deles o desejo, que está ligado ao registro do real por estar além da cadeia significante. No segundo deles o falo, capturado e circulando de acordo com as regras do simbólico na cadeia significante. Nesta afirmação, Lacan mantém um campo de diferença entre o ser e o sujeito, de modo semelhante a relação do *Dasein* com o ser em Heidegger. Poderíamos assim, pensar o ser como o plano em que se desenrolam acontecimentos e no qual advém os efeitos de sujeito, que são

intermitentes, pois tem uma estrutura de manifestação temporal. Por isso Lacan (1960/1998b, p. 816) considera estas, manifestações de ser de um sujeito sem substância “ser de não-ente”.

Lacan (1957-1958/1999) lembra no seminário *As Formações do inconsciente* da importância do falo nos mistérios e como ele sempre surge velado nos cultos dionisíacos. No seminário *O Desejo e sua interpretação* afirma que o que é velado junto ao falo é, em última instância, a morte (Lacan, 1958-1959/2016, p. 31). E no seminário *Os Quatro conceitos fundamentais da psicanálise* nos lembra que há um ponto de contato entre o desejo sexual e a morte (Lacan, 1964/2008b). A morte é uma prerrogativa dos seres vivos sexuados. Seres que se reproduzem tem a morte programada como horizonte de destino. Em nossa situação fática, do estar ejetado no mundo, provimos do sexo de outros seres e caminhamos para o desfecho da morte. Sexo e morte são marcas indelévels dos limites humanos, de sua finitude, seja ela a de um ponto contingente do início ou um ponto no horizonte certo e indeterminado do final. A formalização do falo na teoria do desejo, demarca coordenadas ontológicas.

## A FANTASIA COMO MODO DE ESTRUTURAÇÃO DO MUNDO

A fantasia é um modo de interpretação do desejo pelo sujeito que estrutura desta forma a inexistência de resposta ao apelo que dirige ao Outro. Diante desta ausência, a fantasia advém como uma resposta opaca e ao mesmo tempo prenhe, pois estrutura o modo de desejar de cada um. Como afirma Lacan (1958-1959/2016), a fantasia é ponto de amarração, que se instaura a partir da pergunta do sujeito, que é o modo como o sujeito se constitui como sujeito desejante diante da falta de um objeto para seu desejo. Esta estrutura é o suporte do desejo e dá uma moldura ao circuito da cadeia significante. Na articulação da fantasia, o objeto toma lugar daquilo que o sujeito se vê estruturalmente privado, que é o falo. O falo que determina a função que o objeto passa a adquirir na fantasia e é a partir disto que o desejo se constitui, tendo a fantasia como suporte. O objeto é um semelhante que na estrutura da fantasia evoca uma imagem daquilo que simbolicamente o sujeito está privado e que seria aquilo que tamponaria a falta no Outro. Por isto, de acordo

com o autor, este objeto está em condições de condensar “[...] virtudes ou dimensões do ser, até se tornar esse verdadeiro chamariz do ser que é o objeto do desejo humano (p. 336, [Grifo do autor])”

Lacan (1958-1959/2016) afirma que a fantasia é o eixo, a “pedra de toque” (p. 266) do desejo, e formaliza esta relação por meio da fórmula “\$ ◊ a”. Com esta fórmula, ressalta que o fantasma possui uma natureza de linguagem, pois descreve o sujeito do inconsciente, em sua condição de barrado, ou seja, dividido pelo efeito de subversão de seu ingresso na ordem significante. Este sujeito barrado está em uma relação de dupla entrada com o “a pequeno”, que é o objeto do desejo. O signo do losango indica que a relação entre “\$” e “a” é regida pelas leis da linguagem. Este seminário é de um período anterior à formulação do conceito de “objeto a”, o objeto causa do desejo, e contém as elaborações preliminares sobre este conceito. O “objeto a” é um conceito sobre o qual Lacan afirmou posteriormente ser sua única contribuição original, do mesmo modo que afirmou que o “objeto a” é o único *Dasein* da psicanálise. Este objeto do desejo tem como função satisfazer a pulsão. Mas é característica da pulsão que no lugar do acoplamento com o objeto exista o corte, o furo. Outra característica deste objeto do desejo é portar um significante do desejo do desejo, que é outra forma de dizer o desejo do Outro: esta é a função que o falo cumpre. No seminário *As Formações do inconsciente*, Lacan afirma: “o desejo é desejo daquela falta que, no Outro, designa um outro desejo” (1957-1958/1999, p. 340). Miller (2014) utiliza o termo “fundamental” para designar a fantasia, tal como é articulado neste seminário e justifica o uso do termo pela tentativa de Lacan de formalizá-lo em elementos mínimos. O autor afirma que o conceito de fantasia é o fio condutor do seminário VI, no qual a fantasia seria um recurso que o sujeito utiliza, diante da opacidade do desejo do Outro, que por ser indecifrável produz um efeito de desamparo no sujeito (o *Hilflosigkeit* freudiano). Nesse sentido, o sujeito recorre à fantasia como uma defesa. Esta defesa, por todas as suas características de transativismo, guarda uma analogia com o eu, tal como descrito no estágio do espelho.

Mas propomos que a fantasia é “fundamental” também em sentido ontológico, na delimitação de uma estrutura existencial, pois a fantasia determina o modo de desejar de cada um ao organizar a moldura em que

se inscreverá o recorrido metonímico do desejo. Deste modo, esta fórmula, que é correlata da falta estrutural de um objeto acoplável ao desejo, além de suas implicações clínicas, possui uma implicação ontológica. Pois a constelação significativa que se cria no entorno desta presença equívoca de uma ausência, sustenta o sujeito como desejante, em uma relação estrutural com a falta. Ao estruturar esta relação com a falta, a fantasia cria um roteiro determinando o modo do sujeito estar no mundo.

Lacan (1958-1959/2016, p. 453) afirma que a “a fantasia é o suporte e o índice de certa posição do sujeito no desejo” e o ser do sujeito é indicado na fantasia, em que se revela ser fenda e ter uma estrutura de corte. Assim, a fantasia adquire a função de designar o corte do sujeito, no ponto onde o ser se manifesta como limite do simbólico. Por isto um ponto fundamental da estruturação da fantasia é a fenda, ou buraco, “percebido pelo sujeito como a abertura de uma hiância que, por sua vez, o situa como aberto. Aberto para quê? Para outro desejo que não o seu” (p. 453). A marca singular da fórmula da fantasia não é a relação do sujeito com o objeto, mas a barra sobre o sujeito, que o denota como marcado pela falta e que indica as pulsões como fragmentadas. A barra significa que não se trata de uma simples relação de objeto, mas que na fantasia o sujeito está representado como sujeito do discurso inconsciente pela função do corte.

Lacan (1958-1959/2016, p. 333) diz textualmente, em relação ao “a” da fórmula da fantasia, como suporte imaginário do desejo: “o objeto tem sem dúvida um papel decisivo, ele estrutura fundamentalmente *o modo de apreensão do mundo pelo sujeito* [Grifo nosso]”. Isto quer dizer que a fórmula da fantasia afirma que não há realismo imediato e que o desejo participa ativamente da construção da realidade de cada sujeito.

## **O DESEJO COMO MODO DE SER:**

No seminário *Os Quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964/2008b) afirma que desejar não desejar é o mesmo que desejar. Essa colocação geral é consoante com um princípio ontológico fundamental da psicanálise que em um momento adiantado da obra freudiana foi formalizado como pulsão de morte e que, passando pelo princípio do

prazer, em movimento retrospectivo, já estava presente nas primeiras teorizações homeostáticas acerca do psiquismo humano no *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1985/1996). Este princípio é o de que a vida busca o silêncio, que a perturbação da existência anela pelo retorno à pureza do não-ser. Mas este retorno é um retorno postergado e é justamente nisto que consiste a vida psíquica na doutrina freudiana: algo no psiquismo faz barreira ao escoamento e dissolução absolutos e mantém ativo o ruído da existência, no exercício de manter ligados os elementos que constituem a batalha da vida.

Por isso, o sujeito situado no campo da existência se deseja desejando. De certo modo, isto consiste em desejar existir, desejar manter a existência aberta ao que vem ao encontro. Deste modo, o sujeito sustenta em sua precariedade o desejo humano enquanto tal. A fantasia é construída para este propósito, assim como os sintomas que são insatisfatórios, mas são o lugar onde o sujeito encontra o seu gozo. Lacan (1958-1959/2016, p. 466), afirma acerca do desejo, que “o sujeito não se apresenta aqui como um *ser puro* [être pur], aquilo de que parti para lhes indicar o que queria dizer a relação do sujeito com o real, mas um *ser para* [être pour]”. O autor por fim diz que toda a ambiguidade da posição do neurótico está nesta metonímia que faz com que no “*ser para* que resida todo *para ser*”. Nesse sentido, entendemos que Lacan confere ao desejo o caráter de uma estrutura vinculatória.

O “ser para” possui uma importância na analítica existencial, pois marca o caráter vinculatório dos existenciais, que são as estruturas fundamentais da existência e delimitam os diversos modos de ser do *Dasein*. Pretendemos argumentar que, para Lacan, o desejo tem o caráter de uma estrutura vinculatória similar a função que os existenciais possuem na analítica existencial de Heidegger (1927/2012). O desejo é uma estrutura existencial articulada, que descreve a vinculação de diversos conceitos como a relação do sujeito com o significante, com o Outro, com a pulsão e com a fantasia. Neste sentido ele cumpre uma função similar à estrutura do cuidado que na analítica existencial tem a função de produzir *existencialidade*, ou seja, uma amarração estrutural para os diversos existenciais. O “para” também denota um modo de temporalização a partir do futuro.

Salientamos a função ontológica que o cuidado cumpre na analítica existenciária com o objetivo de colocar em evidência a função ontológica que a teoria do desejo cumpre na psicanálise. Se o desejo é um “*ser para*” ele aponta para a existência como campo de possibilidades, ele concerne ao campo de tensão entre a falta e o ser designando um modo de existir no poder ser, no projetar. Além do mais, esta metonímia do “*ser para*” ao “*para ser*”, entendendo o “*para ser*” como o projetar-se nas possibilidades, indica que no desejo, o modo de realização possível do ser é por intermédio da parcialidade de um “*ser para*”. Como Juranville (1987) argumenta, a verdade do desejo é uma verdade parcial, assim como sua realização na palavra.

O caráter vinculatorio do desejo (o “*ser para*”) na teoria psicanalítica se refere à relação do sujeito com o outro, com a realidade como trama simbólico-imaginária e com a cultura. Lacan (1958-1959/2016) salienta que Freud reintegrou o desejo à experiência do homem como algo essencial desta, e que o desejo é o fundamento de toda relação humana de interação e de troca, de tudo o que se cristaliza na estrutura social como cultura. Contudo, entre a estrutura do cuidado e o desejo existe uma diferença fundamental na medida em que, como estrutura vinculatoria, o desejo é uma estrutura paradoxal, pois não há acordo acabado entre sujeito e o mundo.

Lacan (1958-1959/2016, p. 517) afirma que “o desejo é a relação do sujeito com seu ser”, e aqui está outra característica que o desejo tem em comum com as estruturas existenciárias: além de serem estruturas vinculantes elas também tratam da relação do homem com o ser. As estruturas existenciárias como determinações de modos de ser<sup>10</sup> do *Dasein*, colocam este em relação com o ser, no sentido absoluto do termo.

Seguindo a indicação de Lacan (1973-1974), que no seminário *Les non-dupes errent* afirma que não há ser senão os modos de ser, propomos que, para circunscrever o caráter ontológico do desejo na psicanálise, é necessário entender o desejo como a delimitação de um modo de ser. Por isso, considerando os cortes ontológicos da teoria do desejo apresentados propomos que a teoria lacaniana do desejo comporta determinações sobre o modo de ser do falante. Esta teoria funciona como uma ontologia mínima, que proporciona referências fundamentais para a condução de uma clínica que se inscreve em um estatuto ético.

Lacan (1958-1959/2016) afirma que o desejo é “o pivô de toda a economia com que lidamos na análise” (p. 513) e que sua estrutura teórica fornece coordenadas fixas, nas quais um analista pode entender o sentido de sua missão. Afirma ainda que a “coisa freudiana é o desejo” (p. 384) e adverte: “Será preciso lembrar aos analistas que não há nada que constitua mais a última instância da presença do sujeito do que o desejo?” (pp. 438, 439). A palavra presença indica claramente um valor ontológico. O desejo é uma descrição psicanalítica do “*como da existência*” do ser falante: o modo de ser da existência humana subvertida pela linguagem. Como afirma Juranville (1987, p. 109), o desejo é a “tradução ontológica do fenômeno do significante”.

Uma interpretação ontológica para Heidegger (1927/2012) não é uma descrição das propriedades ônticas, mas determinação das estruturas do ser. O autor utiliza o exemplo do vento sul na Europa como sinal de chuva. Este vento não pode ser descrito como um subsistente qualquer, mas pode ser interpretado em seu modo de ser pelos efeitos de repetição. A teoria do desejo comporta a delimitação da estrutura de um modo de ser e produz um plano de subversão entre o ser e o não ser, na medida em que, borra o princípio da não-contradição com o conceito da falta-a-ser. Constitui um campo de determinação na medida em que a falta, ou seu corolário, a fenda do inconsciente tem a função de causa, tal como Lacan (1964/2008b) afirma no seminário *Os Quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, do mesmo modo em que afirma que o desejo é a interpretação, no sentido de que é o modelo de inteligibilidade causal das formações do inconsciente. No entanto, trata-se de uma ontologia construída sobre a falta de fundamento, por isso frágil. Neste sentido propomos pensá-la como mínima e por dois motivos: primeiro para reconhecer a fragilidade ôntica da coisa freudiana; segundo porque pensamos que por ser mínima pode manter um espaço de respiração que permita uma maior robustez à ética. Uma ontologia que fuja da tentação metafísica de tapar os buracos do mundo e que possa se situar nas zonas de precária estabilidade que são as bordas e as pulsações temporais. Uma ontologia frágil para a manutenção de um estatuto ético forte.

A teoria do desejo propõe uma formalização do sujeito como situado nos intervalos da cadeia significativa, o sujeito é formalizado de modo não

substancial, como uma descontinuidade no real e suposto pela insistência de suas manifestações temporais. Do mesmo modo, a teoria comporta uma concepção não linear do tempo, na medida em que o desejo é o tempo do avançar para um porvir em busca de um ponto no ser-sido. A temporalidade deste desencontro é formalizada na teoria do desejo como o real. Na ausência da substância, o sentido que o ser-para-a-morte adquire na teoria do desejo é o efeito de consistência temporal produzida pelo assumir como próprio o corte final da existência.

Se o desejo descreve o “*como*” do existir humano, não há como negar o caráter ontológico desta descrição. No seminário *Os Quatro conceitos fundamentais da psicanálise* Lacan (1964/2008b) afirma que o inconsciente tem um caráter pré-ontológico. Isto não quer dizer, de acordo com Alemán e Larriera (2009), que não haveria no inconsciente condições para a construção de uma ontologia. Mas esta afirmação de Lacan se refere ao fato de que no âmbito do inconsciente se expressa uma realidade sem fundamento. Segundo os autores, em Lacan até se pode encontrar algumas fundamentações contingentes, mas elas não se condensam na formação de uma totalidade. Mesmo quando Lacan propõe seu nó do RSI, como uma sistematização sobre a realidade do ser falante, nó que chegou a chamar de filosofia primeira, trata-se sempre de uma ontologia furada, uma pré-ontologia radical da ruptura da totalidade, estabelecida contingentemente no confronto com um real impossível de capturar. Esta forma de ontologia se ocupa de mostrar o modo como a instituição do mundo humano é atravessado por fraturas e vazios irreduzíveis que tornam impossível a determinação de um núcleo último de sentido ou fundamento. É um discurso ontológico assentado sobre a ausência de fundamento. Além do mais, podemos argumentar que se tomarmos o sentido que pré-ontológico adquire na analítica existencial de Heidegger (1927/2012), veremos que indica o que é constitutivo do homem, sem que haja ainda uma organização temática sistematizada. Nesse sentido, a pré-ontologia expressa não um repúdio à ontologia, mas o despontar de uma tarefa.

## CONSIDERAÇÕES

Este estudo teve por objetivo realizar uma abordagem ontológica da teoria do desejo em Lacan, utilizando elementos da analítica existencial

de Heidegger. É central na teoria do desejo, a noção de que o mundo humano é estruturado pela linguagem e que algo do ser pode se realizar na estrutura do desejo como uma realização de linguagem. A coparticipação do ser e da linguagem é um eixo condutor da teoria do desejo e isto justifica o uso de Heidegger neste estudo. Pretendemos ter indicado que a teoria do desejo descreve o modo de ser no mundo estruturado pelo significante e que no desejo a falta compõe um trinômio com o significante e o ser, funcionando como o véu do ser na linguagem.

A partir de cortes extraídos do seminário *O Desejo e sua interpretação*, propomos que a teoria do desejo desempenha o papel de uma ontologia mínima na psicanálise, na medida em que funciona como um conjunto de coordenadas que orientam a direção do tratamento e na medida em que articula a relação do ser do sujeito com a linguagem. Propomos a ideia de que a teoria do desejo é a descrição de um modo de ser, ou seja, uma delimitação do “como” da existência humana, falante, mortal e sexuada. O uso da analítica existenciária teve o objetivo metodológico de fornecer instrumentos para destacar as linhas ontológicas da teoria do desejo, mas demonstrou, de modo secundário, a presença de temas heideggerianos nos textos lacanianos.

Entendemos que a fragilidade ôntica é o encaminhamento ontológico possível para a falta-a-ser e é uma crítica da psicanálise à doutrina aristotélica da substância. A ética do desejo propõe não negar a dimensão trágica da existência e ao mesmo tempo não escorregar para uma posição política de resignação. Implica essencialmente na premência da pergunta sobre o “*como*” devemos agir diante do escasso tempo que nos cabe em nossa situação fática. A falta-a-ser comporta as perguntas: como podemos tirar potência do vazio que nos constitui? como extrair força política desta precária posição ontológica? Quanto às críticas a um suposto niilismo da psicanálise, Heidegger pode nos ajudar nesta discussão na medida em que a partir de seu pensamento é possível afirmar que o elogio da falta é essencialmente uma inversão, e tão metafísico em sua natureza quanto a negação da falta. Na psicanálise a falta nunca é absoluta, pois sempre está banhada por esta margem do pouco de sentido que indica aquilo que pode se realizar de ser no plano do desejo.

As coordenadas ontológicas presentes na teoria do desejo ajudam a delimitar o lugar que o analista deve ocupar na transferência, pois nelas

estão presentes balizas mínimas para a direção do tratamento<sup>11</sup>. Para não ser portador de alguma verdade pré-estabelecida e poder operar a partir de sua falta-a-ser, o analista deve subjetivar o ser ser-para-a-morte, manter os saberes objetivos em suspensão (Lacan, 1998c) e não se crer idêntico ao próprio ser em sua função (Lacan, 1980) para sustentar o engano do sujeito suposto saber, mantendo aberta a pergunta pelo sentido do desejo. Essas coordenadas orientam o analista a sustentar o estado de abertura para não produzir obturação da falta e operar a partir do corte, que é o modelo formal que preside a lógica do seu ato. O corte também define tanto o espaço de diferença com o próprio ser como o desligamento dos vasos comunicantes dos afetos contratransferenciais para operar no lugar do morto na transferência (Lacan, 2010/1960-61). A lógica do corte, nas coordenadas do desejo também quer dizer que a missão do analista não é adaptar à realidade, pois não existe acordo ontológico entre o sujeito e o mundo (Lacan 1958-1959/2016)<sup>12</sup>.

O estatuto ético da psicanálise se refere ao fato de que a psicanálise é uma experiência que indaga a decisão ética a se tomar diante de uma ontologia assentada na ausência de fundamento. Nisto reside o caráter trágico do desejo, pois trata-se de suportar a realidade que se oferece sem fundamento e a posição de contingência do ser falante, em sua condição sexuada e mortal. Para assumir em sua radicalidade as consequências do desejo para a ética, é necessário primeiro levar em conta este conjunto de decisões, que no fundo tem uma natureza ontológica. A crítica aos fundamentos é necessária para sustentar uma ética que não porte um tipo irrefletido de ordem ao ser. Por fim, a ética da psicanálise entendida como sustentar o desejo é uma ética conexa a uma ontologia, pois é uma ética do persistir no ser.

## REFERÊNCIAS

- Alemán, J., Larriera, S. (2009). *Desde Lacan: Heidegger – Textos reunidos. (Spanish Edition)* (Edição do Kindle. ISBN: 978-84-88326-99-7). Miguel Gomes Ediciones, Málaga.
- Assoun, P. L. (2009). *Dictionnaire thématique, historique et critique des œuvres psychanalytiques*. Paris, Presses Universitaires de France.
- Balmès, F. (2002). *Lo que Lacan dice del ser (1953-1960)*. (Traducción de Horacio Pons. 1ª ed. Buenos Aires: Amorrortu).
- Bass, B., Zaloszy, A. (1996). *Descartes e os fundamentos da psicanálise*. Revinter Ltda: Rio de Janeiro.
- Deleuze, G. (1974). *A lógica do sentido*. (Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes). São Paulo: Perspectiva.
- Eidelsztein, A. (2017). *O grafo do desejo*. São Paulo: Toro.
- Freud, S. (1996). *Projeto para uma psicologia científica*. ESB (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas Vol. I, pp. 335-454). Rio de Janeiro: Imago. Texto original publicado originalmente em 1885
- Freud, S. (1996). *A interpretação dos sonhos*. ESB (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas Vol. IV e V). Rio de Janeiro, Imago. Texto publicado originalmente em 1900-1901.
- Heidegger, M. (2003). *O Conceito de tempo*. (Trad., prólogo e notas: Irene Borges Duarte, 2ª ed.). Lisboa: Editora Fim de Século. Conferência proferida em 1924.
- Heidegger, M. (1999). *Que é metafísica?* In *Conferências e escritos filosóficos*. Martin Heidegger. (Trad. e notas Ernildo Stein). São Paulo: Nova Cultural. Publicado originalmente em 1929.
- Heidegger, M. (1991). *Carta sobre o humanismo*. (Trad. Rubens Eduardo Frias, 1ª ed.). São Paulo: Editora Moraes. Publicado originalmente em 1946.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo*. (Trad., org., nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho). Campinas-SP: Editora da Unicamp/ Petrópolis, RJ: Editora Vozes. Publicado originalmente em 1927.
- Juranville, A. (1987). *Lacan e a filosofia*. (Trad. Vera Ribeiro. Revisão Técnica: Luiz Alfredo Garcia-Rosa). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- Lacan, J. (1973-1974). *Les non-dupes errent*. Séminaire 21. Texto estabelecido por Staferla. Recuperado em 12 de abril de 2018 de <http://staferla.free.fr/S6/S6.htm>
- Lacan, J. (1998a). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Publicado originalmente em 1958.
- Lacan, J. (1998b). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Publicado originalmente em 1960.
- Lacan, J. (1998c). Variantes do tratamento-padrão. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Publicado originalmente em 1955.
- Lacan, J. (1999) *O seminário. Livro 5: As formações do inconsciente*. (Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Trad. de Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Seminário ocorreu em 1957-1958.
- Lacan, J. (2016). *O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*. (Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Trad. de Cláudia Berliner). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Seminário ocorreu em 1958-1959.
- Lacan, J. (2008a). *O seminário. Livro 7: A ética da psicanálise*. (Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Trad. de Antônio Quinet). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Seminário ocorreu em 1959-1960.
- Lacan, J. (2010). *O Seminário, livro 8: A transferência*. (Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Trad. Dulce Duque Estrada). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Seminário ocorreu em 1960-1961.
- Lacan, J. (2008b). *O seminário. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Trad. de M. D. Magno). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Seminário ocorreu em 1964.
- Lacan, J. (1973-1974). *Les non-dupes errent*. Séminaire 21. Texto estabelecido por Staferla. Recuperado em 12 de abril de 2018 de <http://staferla.free.fr/S6/S6.htm>
- Lacan, J. (1980). Luz. Seminário 27: Dissolução. In: Documentos para uma Escola, ano 1, nº 0, Escola Letra Freudiana.
- Lao-Tsé. (2004). *Tao Te Ching. O livro que revela Deus*. (Trad. e notas: Huberto Rohden). São Paulo: Ed. Martin Claret. Publicado originalmente por volta do séc. VI a.C.

- López, H. (2011). *Lo fundamental de Heidegger en Lacan*. (2ª ed.). Buenos Aires: Letra Viva.
- Lemke, R. A., Dunker, C. I. L., Costa, M. L., Ravello, T. (2020). Elementos da analítica existencial no pensamento de Lacan sobre a linguagem. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 9(17), 1-24. Recuperado em 15 de junho de 2022, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-51972020000200006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972020000200006&lng=pt&tlng=pt).
- Miller, J. A. (2014). Apresentação do seminário 6: O desejo e sua interpretação, de Jacques Lacan, por Jacques-Alain Miller. *Opção Lacaniana online*. Nova série. Ano 5, número 14, ISSN 2177 – 2673. Recuperado em 20 de março de 2018 de: [http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_14/Apresentacao\\_do\\_seminario\\_6.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_14/Apresentacao_do_seminario_6.pdf)
- Rosa, J. G. (2017). A terceira margem do rio. In: *Primeiras histórias. (Ficção completa*. Notas de Paulo Rónai, 2 volumes). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Spinoza, B. (2007). *Ética*. (Trad. Tomas Tadeu Ed. Bilíngue). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Stein, E. (1976). *Melancolia: Ensaios sobre a finitude no pensamento ocidental*. Porto Alegre: Editora movimento.
- Stein, E. (1999). Notas do Tradutor. In: Martin Heidegger. *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Editora Nova Cultural.
- Tavares, P. H. M. B. (2008). A língua alemã em Freud: E eu com isso? *Acheronta: Revista de Psicoanálisis y Cultura*, (25). Recuperado em 14 de fevereiro de <https://www.acheronta.org/acheronta25/demoraes.htm>
- Žižek, S. (2009). *Por que Lacan não é heideggeriano*. (Trad. Lucas Mello Carvalho Ribeiro). Recuperado em 17 de dezembro de 2017 de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rel/v2n3/v2n3a02.pdf>

Submetido em: 11/10/2022

Revisado em: 07/02/2026

Aceito em: 19/02/2026

## NOTAS

<sup>1</sup> Como é ética de Emmanuel Levinas, presente em “*Totalidade e Infinito*” (1961).

<sup>2</sup> Todos têm sua ontologia, afirma Lacan (1964/2008, p. 76), sendo ela “ingênua ou elaborada”.

- <sup>3</sup> A ideia de uma ontologia mínima é inspirada na afirmação de Deleuze (1974, p. 5), que ao comentar a leitura de Bréhier dos incorporais do estoicismo antigo, afirma que os incorporais são atributos lógicos, dos quais se pode apenas apreender os efeitos. Não “se pode dizer que existam, mas que subsistem, insistem, tendo *este mínimo de ser que convém ao que não é uma coisa*”.
- <sup>4</sup> Uma “descontinuidade, na qual alguma coisa se manifesta como vacilação” (Lacan, 1964/2008, p. 33).
- <sup>5</sup> No seminário “*Les non-dupes errent*” Lacan (1973, p. 20) denomina os registros Real, Simbólico e Imaginário como *modos de ser* e afirma: “*Mas justamente não há outro ser que o modo*”. Quando Lacan (1964/2008, p. 27) afirma que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, o advérbio “como” denota uma modalização.
- <sup>6</sup> Gostaríamos de destacar três: 1) sujeito sem substância; 2) tempo do inacabamento; 3) vazio articulado na relação com o Outro.
- <sup>7</sup> Texto fundamental sobre técnica, que de acordo com Miller (2014), está em uma linha de continuidade com o *Seminário VI*.
- <sup>8</sup> *Dasein* é uma expressão que une a palavra alemã “*Sein*” com a partícula “*Da*”, para se referir a existência como tal de cada um de nós, ejetados no mundo. Nas traduções para as línguas neolatinas, é proposto como “ser-ai”, “être-là” e “esser-ci”.
- <sup>9</sup> A tradução nas obras completas da Imago é “*Onde estava o Id, ali estará o Ego*”, seguindo a tradução britânica de James Strachey (*Where the Id was, there the Ego shall be*).. A tradução de Lacan é: “*Là où c’était, il me faut advenir*”. (Lá onde isso estava, devo (-me) advir (Tavares, 2010). Em nosso entender, as diferentes traduções desse enunciado marcam diferentes perspectivas ontológicas.
- <sup>10</sup> Na analítica existencial esta noção descreve as estruturas existenciais (“*Seinsstrukturen des Daseins*”). A palavra mais comum é “*Seinsart*”. Também são utilizadas: “*Seinsmodi*”, “*Weisen seines Seins*”, “*Weise des Seins*”, “*Modus Seins*”, “*Weise zu existieren*”, “*Weise Zu sein*” e “*Weise seines eigenen Existierens*” e “*Wie der Existenz*”.
- <sup>11</sup> Embora a palavra “*cure*”, tenha sido traduzida para o português como “tratamento”, em “*La direction de la cure*” (1958), Lacan escolheu a palavra francesa “*cure*” para diferenciar a análise da lógica médica e por influência de Heidegger, ressaltar o caráter temporal de uma psicanálise (Alemán, Larriera, 2009). A palavra alemã *Sorge*, central na analítica existencial costuma ser traduzida para o português e o espanhol como cuidado ou cura. Cura tem um sentido temporal, como quando se diz a “cura de um queijo”.
- <sup>12</sup> Aqui apenas algumas indicações da relação da ontologia com a direção do tratamento.